

S. AGOSTINHO
DE PATIENTIA*
(SOBRE A PACIÊNCIA)

Tradução de
*Cléber Eduardo dos Santos Dias***

* Texto latino presente nas p. 663-691 de Sancti Aureli Augustini: De fide et symbolo. De fide et operibus. De agone christiano. De continentia. De bono coniugali. De sancta uirginitate. De bono uiduitatis. De adulterinis coniugiis lib. II De mendacio. Contra mendacium. De opere monachorum. De diuinatione demonum. De cura pro mortuis gerenda. De patientia. Recensuit Iosephus Zycha. Vindobonae, Pragrae, F. Tempsky, Lipsiae, G. Freytag, 1900. Sancti Aurelii Augustini Opera; sect. 5, pars 3. (*Corpus scriptorum ecclesiasticorum latinorum*, 41).

** Doutor em Filosofia (PUCRS/Universidade do Porto). Professor da Faculdade IDC. Agradecimentos especiais ao Prof. Dr. José Maria da Costa Macedo da Universidade do Porto, Portugal, o qual com grande interesse e generosidade reviu e ofereceu valiosas sugestões para esta tradução e para meu entendimento do texto.

DE PATIENTIA

I.1. Virtus animi, quae Patientia dicitur, tam magnum dei donum est, ut etiam ipsius qui nobis eam largitur, qua malos ut corrigantur exspectat, patientia praedicetur. ita quamuis deus nihil pati possit, patientia uero a patiando nomen acceperit, patientem tamen deum non modo fideliter credimus, uerum etiam salubriter confitemur. sed dei patientia qualis et quanta sit, quem nihil patientem, nec tamen impatientem, immo etiam patientissimum dicimus, uerbis explicare quis possit? ineffabilis est ergo illa patientia, non tamen nulla, sicut zelus eius, sicut ira eius, et si quid huius modi est. nam si tamquam nostra ista cogitemus, in illo nulla sunt. nihil enim horum nos sine molestia sentimus: absit autem ut impassibilem dei naturam perpeti ullam molestiam suspicemur. sicut autem zelat sine aliquo liuore, irascitur sine aliqua perturbatione, miseretur sine aliquo dolore, paenitet eum sine alicuius suae prauitatis correctione: ita est patiens sine ulla passione. nunc itaque humana patientia, quam capere possumus, et habere debemus, cuiusmodi sit, quantum dominus tribuit, et quantum patitur breuitas praesentis sermonis expediám.

SOBRE A PACIÊNCIA

I.1. A virtude da alma à qual chamamos Paciência é um dom de Deus tão grande, que até mesmo d’Aquele que no-la concede, pela qual espera que os maus se corrijam, é predicada a paciência. Assim, ainda que Deus não possa de modo algum padecer – na verdade [a palavra] paciência recebe o nome de padecer –, nós entretanto, não só fielmente cremos como, na verdade, também salutarmente confessamos que, entretanto, Deus é paciente. Mas, como e quão grande seja a paciência de Deus – o qual dizemos que nada padece e que, no entanto, não é impaciente, antes chamamo-lo pacientíssimo – quem poderia descrevê-la com palavras? É inefável, pois, aquela paciência, mas não deixa de existir assim como o seu zelo, como a sua ira, se por acaso algo existe deste modo. Pois, se nós pensarmos [nestes aspectos de Deus] como semelhantes aos nossos, n’Ele não existem. De fato, nós não sentimos nenhuma destas [coisas] sem moléstia: ao contrário, longe de nós conjecturarmos que a natureza de Deus – como impassível – sofra alguma moléstia. No entanto, assim como [Ele] zela sem qualquer inveja, ira-se sem qualquer perturbação, apieda-se sem qualquer dor, arrepende-se sem [que haja] a correção de alguma

II.2. Patientia hominis, quae recta est atque laudabilis et uocabulo digna uirtutis, ea perhibetur qua aequo animo mala toleramus, ne animo iniquo bona deseramus, per quae ad meliora perueniamus. quapropter impatientes dum mala pati nolunt, non efficiunt ut a malis eruantur, sed ut mala grauiora patiantur. patientes autem qui mala malunt non committendo ferre, quam non ferendo committere, et leuiores faciunt quae per patientiam patiuntur, et peiores euadunt quibus per impatientiam mergerentur. bona uero aeterna et magna non perdunt, dum malis temporalibus breuibusque non cedunt, *quoniam non sunt condignae passionis huius temporis*, sicut apostolus dicit, *ad futuram gloriam quae reuelabitur in nobis*, et iterum ait: *quod est temporale leue tribulationis nostrae, in incredibilem modum aeternum gloriae pondus operatur in nobis*.

pravidade sua: assim, é paciente sem qualquer padecimento. Agora, pois, o quanto o Senhor conceder e o quanto a brevidade da presente exposição permitir que eu explique, [tratarei sobre] a paciência humana; a qual podemos entender e devemos possuir.

II.2. A paciência do homem, a qual é reta e louvável e digna do nome de virtude, é designada aquela pela qual com ânimo equânime suportamos os males para não abandonarmos com a iniquidade de ânimo os bens pelos quais nós alcançamos [outros] melhores. Por isso é que os impacientes, enquanto não querem suportar os males, não obtêm o serem livrados dos males, mas [antes] sofrem males mais graves [ainda]. Ao contrário, os pacientes que preferem suportar os males não os cometendo, ao invés de cometê-los, não os suportando, não só tornam mais leves [os males que] por paciência sofrem, mas também escapam aos [males] piores, nos quais pela impaciência seriam mergulhados. Na verdade, não perdem os bens eternos e grandes enquanto não se deixam vencer pelos [males] temporais e breves, *porque não são condignos os padecimentos destes tempos* – como diz o Apóstolo – *com a glória futura que se há de revelar em nós*¹;

¹ Rom 8, 18.

III.3. Intueamur itaque, carissimi, quanta in laboribus et doloribus homines dura sustineant, pro rebus, quas vitiose diligunt et quanto ipsi his feliciores fieri putant, tanto infelicius concupiscunt. quanta pro falsis diuitiis, quanta pro uanis honoribus, quanta pro ludicris affectionibus periculosissima et molestissima patientissime tolerantur! pecuniae, gloriae, lasciuiae cupidos uidemus, ut ad desiderata perueniant, adeptisque non careant, soles, imbres, glacies, fluctus, et procellosissimas tempestates, aspera et incerta bellorum, immanium plagarum ictus, et uulnera horrenda, non ineuitabili necessitate, sed culpabili uoluntate perferre. uerum haec quodam modo licitae uidentur insaniae.

III.4. Namque auaritia, ambitio, luxuria, et uariorum oblectamenta ludorum, nisi propter illa facinus aliquod admittatur, siue flagitium

e diz ainda: *O que em nossa tribulação é temporal e leve realiza em nós de um modo inacreditável um peso eterno de glória*².

III.3. Consideremos, pois, caríssimos, quantas coisas duras suportam os homens em trabalhos e dores pelas coisas que, viciosamente, amam e [como] quanto [mais] os mesmos julgam terem-se tornado mais felizes com elas, tanto [mais] infelizmente as cobiçam. Quantas coisas perigosíssimas e molestíssimas patientíssimamente são toleradas pelas falsas riquezas, pelas honras vãs, pela afeição aos jogos! Vemo-los ávidos de dinheiro, de glória e de lascívia para alcançarem as coisas desejadas e não carecerem das coisas adquiridas, suportarem o calor, a chuva, o frio, as ondas e as tempestades procelosíssimas, as asperidades e incertezas das guerras, os terríveis golpes das chagas e as feridas horrendas, não por inevitável necessidade, mas por uma vontade culpável. Na verdade, de certo modo, essas loucuras parecem lícitas.

III.4. Com efeito, julga-se que a avareza, a ambição, a luxúria e as distrações dos vários jogos pertençam [às coisas] inocentes, a

² II Cor 4,17.

quod legibus prohibetur humanis, putantur ad innocentiam pertinere: immo etiam qui sine fraude cuiusquam, aut pro habenda uel augenda pecunia, aut pro adipiscendis uel retinendis honoribus, aut in agone certando seu uenando, seu theatricum aliquid plausibiliter exhibendo magnos labores doloresque pertulerit, parum est quod populari uanitate nullis reprehensionibus cohibetur, sed insuper extollitur laudibus, *quoniam laudatur*, sicut scriptum est, *peccator in desiderii animae suae*. uis enim desideriorum facit tolerantiam laborum et dolorum; et nemo nisi pro eo, quod delectat, sponte suscipit ferre quod cruciat. sed istae, ut dixi, cupiditates, propter quas explendas qui eis flagrant, multa dura et acerba patientissime sustinent, licitae existimantur legibusque concessae.

V.4. Quid? quod etiam pro apertis sceleribus, non ut ea puniant, sed ut perpetrent, multa homines grauissima perferunt? Nonne de quodam nobilissimo patriae parricida saecularium litterarum loquuntur auctores, quod famem, sitim, frigus ferre poterat, eiusque

não ser que, por causa delas, tenha lugar algum crime ou escândalo que seja proibido pelas leis humanas: além disso, aquele que suportou grandes trabalhos e dores para adquirir ou aumentar seu dinheiro, para alcançar ou conservar honras, ou lutando ou caçando nos jogos públicos, ou [representando] algo no teatro que mereça aplausos, sem [causar] dano a alguém, pouco é dizer-se que não é coartado por meio de quaisquer repreensões pela vaidade popular, mas, além disso, é exaltado com louvores: *porque é louvado*, como está escrito, *o pecador nos desejos de sua alma*³. Com efeito, a força dos desejos produz a tolerância dos trabalhos e das dores; e ninguém a não ser por aquilo que lhe causa deleitação, suporta espontaneamente o que lhe causa dor. Mas estas, como eu disse, paixões, por cuja realização aqueles que as procuram suportam pacientíssimamente muitas coisas duras e acerbadas, são consideradas lícitas e permitidas pelas leis.

V.4. Além disso, também os homens [acaso não] suportam muitas coisas gravíssimas por crimes manifestos, não para puni-los, mas para perpetrá-los? Não é verdade que os autores da literatura secular falam de um certo nobilíssimo parricida da pátria que

³ Salmo 9, 24 (10, 3).

erat corpus patiens inediae, aliorum, uigiliae supra quam cuiquam credibile est? quid de latronibus dicam, quorum omnes cum insidiantur uiatoribus, noctes perpetiuntur insomnes, atque ut transeuntes excipiant innocentes, sub qualibet caeli asperitate nocentem animum corpusque defigunt? quidam uero eorum inuicem torquere perhibentur, ita ut exercitatio contra poenas nihil distet a poenis. non enim tantum fortassis excruciantur a iudice ut a dolentibus ueritas inquiratur, quantum a suis sociis ut a patientibus non prodatur. et tamen in his omnibus miranda est potius quam laudanda patientia, immo nec miranda nec laudanda, quae nulla est, sed miranda duritia, neganda patientia; nihil autem illic iure laudandum, nihil utiliter imitandum, tantoque rectius maiore supplicio dignum iudicaueris animum, quanto magis uitiiis subdit instrumenta uirtutum. patientia comes est sapientiae, non famula concupiscentiae; patientia amica est bonae conscientiae, non inimica innocentiae.

podia suportar o frio, a fome e a sede e [que] seu corpo era capaz de suportar os jejuns, os frios e as vigílias além do que é crível⁴? E o que dizer dos ladrões, dos quais todos, quando espreitam os viajantes, suportam todas as noites sem dormir e para saltar os inocentes transeuntes imobilizam o seu espírito criminoso e o seu corpo sob o rigor do céu? Na verdade, diz-se que alguns deles torturam-se mutuamente, de tal modo que o exercício contra os sofrimentos [em] nada difere dos sofrimentos. Com efeito, talvez não sejam torturados pelo juiz para que se descubra a verdade com tanta dor quanto o são por seus cúmplices, para que esta não seja revelada. E, contudo, em todos esses [casos] deve-se mais admirar do que louvar a paciência, pelo contrário, nem se deve admirá-la nem louvá-la, porque não há [paciência nestes casos], mas deve ser admirada a dureza [e] deve negar-se a paciência, contudo, nada [há] ali para ser louvado com justiça, nada [há] para ser imitado com utilidade e tanto mais retamente deve-se julgar que é digno de maior suplício o espírito, quanto mais ele subordina aos vícios os instrumentos da virtude. A paciência é companheira da sapiência, não escrava da concupiscência; a paciência é amiga da

⁴ cf. CÍCERO. *Catilinárias* III, 16 e SALÚSTIO. *Catilina*. 5.

VI.5. Cum ergo quemquam uideris patienter aliquid pati, noli continuo laudare patientiam, quam non ostendit nisi causa patiendi. quando illa bona est, tunc ista uera est; quando illa non polluitur cupiditate, tunc a falsitate ista distinguitur. cum uero illa tenetur in crimine, tunc huius multum erratur in nomine. non enim sicut omnes qui sciunt sunt participes scientiae, ita omnes qui patiuntur sunt participes patientiae; sed qui passione recte utuntur, hi patientiae ueritate laudantur, hi patientiae munere coronantur.

VII.6. Verumtamen cum pro libidinibus, uel etiam sceleribus, cum denique pro ista temporali uita ac salute multa homines horrenda mirabiliter sufferunt, satis nos admonent quanta sufferenda sint pro uita bona, ut etiam postea possit esse aeterna et sine ullo temporis termino, sine utilitatis ullius detrimento uera felicitate secura. dominus ait: *in uestra patientia possidebitis animas uestras*; non ait: uillas uestras, laudes uestras, luxurias uestras; sed: animas uestras. si ergo tanta

boa consciência, não adversária da inocência.

VI.5. Quando, pois, vês que alguém suporta algo paciente-mente, não deves louvar imediatamente a sua paciência, a qual só se torna manifesta pela causa do sofrer. Quando aquela é boa, então esta é verdadeira; quando aquela não é maculada pela cupidez, então esta se distingue da falsidade. Na verdade, quando é mantida no crime, então se erra muito quanto ao seu nome. Pois, não é certo que assim como todos os que sabem são partícipes da ciência, assim todos os que sofrem sejam partícipes da paciência; mas [os] que retamente utilizam seu sofrimento, estes são louvados pela verdadeira paciência, estes serão coroados com a dádiva da paciência.

VII.6. Contudo, quando por suas volúpias ou ainda, por seus crimes, enfim, quando por esta vida temporal e [por esta] saúde, os homens admiravelmente suportam muitas coisas horrendas, suficientemente nos admoestam de quantas coisas devem ser suportadas por uma vida boa, de modo que, também, depois possa ser eterna e segura por uma verdadeira felicidade sem qualquer termo de tempo e sem detrimento de alguma utilidade. O Senhor disse: *Em vossa paciência*

suffert anima ut possideat unde pereat, quanta debet sufferere ne pereat! deinde, ut illud dicam, quod culpabile non est, si tanta suffert pro salute carnis suae inter manus secantium siue urentium medicorum, quanta debet sufferere pro salute sua inter furores quorumlibet inimicorum! cum medici, ne corpus moriatur, per poenas corpori consulant, inimici autem poenas et mortem corpori comminando, ut anima et corpus in gehenna occidatur impellant.

7. Quamquam et ipsi corpori tunc providentius consulatur, si temporalis salus eius pro iustitia contemnatur, et poena uel mors eius patientissime pro iustitia sufferatur. de corporis quippe redemptione, quae in fine futura est, loquitur apostolus, ubi ait: *et ipsi in nobismet ipsis ingemescimus adoptionem expectantes redemptionem corporis nostri*. deinde subiunxit: *spe enim salui facti sumus; spes autem, quae uidetur, non est spes. quod enim uidet quis, quid et sperat? si autem quod non*

*possuireis vossas almas*⁵; não disse: as vossas quintas, as vossas honras, as vossas luxúrias, mas, as vossas almas. Se, portanto, tantas coisas suporta uma alma para que possuía [aquilo] pelo qual ela perece, quantas coisas [mais] deve suportar para que não pereça! Além disso, para falar de algo que não é culpável, se tantas coisas suporta pela salvação de sua carne nas mãos dos médicos que a cortam e a cauterizam, quantas coisas deve suportar pela sua salvação entre os furores de quaisquer inimigos! Enquanto os médicos, para que o corpo não morra, tratam do corpo por meio de sofrimentos, os inimigos, ao contrário, impelem a que a alma e o corpo sejam mortos na geena.

7. Se bem que cuidamos providentemente deste mesmo corpo, se pela justiça desprezamos a saúde temporal, pela justiça suportemos também pacientissimamente o seu sofrimento ou morte. A respeito, pois, da redenção do corpo, a qual há-de ser no fim, fala o Apóstolo quando diz: *Dentro de nós gememos, esperando a adoção de filhos, a redenção de nosso corpo*. Depois ajunta: *Nós, pois fomos salvos na esperança. A esperança, porém, que se vê não é mais esperança; quem é que vê aquilo*

⁵ Lc 21, 19.

uidemus speramus, per patientiam exspectamus.

VIII. Cum ergo torquent aliqua mala, sed non extorquent opera mala, non solum anima per patientiam possidetur, uerum etiam, cum per patientiam corpus ipsum ad tempus affligitur uel amittitur, in aeternam stabilitatem salutemque resumitur, et ei per dolorem et mortem inuiolabilis sanitas et felix immortalitas comparatur. unde dominus Iesus ad patientiam exhortans martyres suos etiam ipsius corporis integritatem futuram sine cuiusquam, non dicam, membri, sed capilli amissione promisit. *amen dico uobis*, inquit, *capillus capitis uestri non peribit*, ut quoniam *nemo unquam*, sicut apostolus dicit, *carnem suam odio habuit*, magis homo fidelis per patientiam quam per inpatientiam pro stratu suae carnis inuigilet et futurae incorruptionis inaestimabili lucro quantalibet eius praesentia damna compenset.

que também espera? Se, ao contrário, o que não vemos esperamos, pela paciência [é que] o espectamos⁶.

VIII. Quando, pois, somos torturados por alguns males, mas não somos constringidos a consentir em más obras, não somente pela paciência mantemos a alma, mas, na verdade, também quando pela paciência se aflige o corpo temporalmente ou se o perde, recuperamo-lo para uma eterna estabilidade e saúde, e desta forma, através da dor e da morte, se obtêm uma saúde perfeita e uma imortalidade feliz. Eis porque o Senhor Jesus, ao exortar os seus mártires à paciência e também prometeu-lhes a futura integridade do mesmo corpo, que não haverá de perder, não digo um membro, mas nem [mesmo] um cabelo. Diz ele: *Em verdade vos digo que não se perderá nem um cabelo de vossa cabeça⁷*. Porque, como disse o Apóstolo: *Ninguém teve jamais ódio à sua carne⁸*, de modo que, ocupe-se o homem fiel pelo estado de sua carne mais com a paciência do que com a impaciência e compense as dores presentes, por maiores que elas sejam, com o lucro inestimável da incorrupção futura.

⁶ Rm 8, 23-25.

⁷ Lc 21, 18.

⁸ Ef 5, 29.

8. Quamuis autem patientia uirtus sit animi, partim tamen ea utitur animus in se ipso, partim uero in corpore suo. in se ipso utitur patientia, quando inlaeso et intacto corpore aliquid, quod non expedit uel non deceat, facere aut dicere quibuslibet aduersitatibus aut foeditatibus rerum seu uerborum stimulis incitatur, et patienter mala omnia tolerat, ne ipse mali aliquid opere uel ore committat.

VIII. Per hanc patientiam sustinemus, etiam dum corpore sani sumus, quod inter huius saeculi scandala beatitudo nostra differtur. unde dictum est, quod paulo ante commemorauit: *si quod non uidemus speramus, per patientiam exspectamus*. hac patientia sanctus Dauid conuiciantis opprobria tolerauit et, cum facile posset ulcisci, non solum non fecit, uerum etiam alium pro se dolentem commotumque compescuit et potestatem regiam magis adhibuit prohibendo quam exercendo uindictam. neque tunc eius corpus aliquo morbo affligebatur aut uulnere, sed humilitatis tempus agnoscebatur ac ferebatur uoluntas

8. Porém, ainda que a paciência seja uma virtude da alma, todavia a alma há-de utilizá-la em parte em si mesma, [e] certamente em parte em seu corpo. Em si mesma utiliza-se da paciência quando, estando o corpo intacto e ileso, a alma é impelida por estímulos de adversidade ou por torpezas de obra ou estímulos de palavra a executar ou dizer algo que não é conveniente ou decente, mas suporta pacientíssimamente todos os males, para que a própria não cometa por obras ou palavras mal algum.

VIII. Por esta paciência suportamos, mesmo quando nosso corpo está são, que nossa bem-aventurança se distinga entre os escândalos do século: eis por que foi dito o que recentemente mencionei: *Se esperamos o que não vemos, pela paciência o esperamos*⁹. Por essa paciência o santo Davi suportou as injúrias de quem o injuriava, e quando podendo vingar-se com facilidade, não somente não o fez, senão que refreou o outro que se doeu e sobressaltou por ele e exercitou mais seu poder régio em reprimir do que em executar a vingança¹⁰. Naquela ocasião, seu corpo não era afligido por qualquer doença ou ferida, mas considerava o tempo da

⁹ Rm. 8, 25.

¹⁰ Cf. 2Rs 16, 5 ss.

dei, propter quam patientissimo animo amaritudo contumeliae bibebatur. hanc patientiam dominus docuit, quando commotis zizaniorum permixtione seruis et uolentibus ea colligere dixit respondisse patrem familias: *sinite utraque crescere usque ad messem*. oportet enim patienter ferri, quod festinanter non oportet auferri. huius et ipse patientiae praeiuit et demonstrauit exemplum, quando ante passionem corporis sui diabolus Iudam, priusquam ostenderet traditorem, pertulit furem et ante experimentum uinculorum et crucis et mortis, labiis eius dolosis non negauit osculum pacis. haec omnia et si qua alia sunt, quae commemorare longum est, ad eum patientiae modum pertinent, quo animus non sua peccata, sed quaecumque extrinsecus mala patienter sustinet in se ipso suo prorsus corpore inlaeso.

X. Alius est autem patientiae modus, quo idem ipse animus quaecumque molesta et graui in sui corporis passionibus perfert

humildade e suportava a vontade de Deus pela qual bebia com espírito paciêntíssimo a amargura das injúrias. Essa paciência nos ensinou o Senhor, quando, aos servos irritados com a mistura da cizânia e, querendo arrancá-la, deu a resposta do pai de família: *Deixai que ambas cresçam até ao tempo da colheita*¹¹. Convém, pois, que se suporte com paciência aquilo que não se pode suprimir com prontidão. Dessa paciência [Cristo] nos apresentou e demonstrou um exemplo, quando antes da paixão de seu corpo suportou o diabólico Judas [como] ladrão antes que o declarasse traidor¹² e, antes de experimentar as cordas, a cruz e a morte, não negou o beijo da paz a seus lábios enganadores¹³. Todas essas coisas, e se outras existem, de que seria longo o recordar, pertencem àquele gênero de paciência com o qual a alma não suporta os seus pecados, mas suporta em si mesma, pacientemente, todos aqueles males externos [que lhe provenham], conservando seu corpo absolutamente ileso.

X. Por outro lado, há outra espécie de paciência pela qual a alma mesma suporta tudo o que de mal e penoso advém com os sofrimentos

¹¹ Mt 13, 30.

¹² Cf. Jo. 12, 5; 13, 29.

¹³ Cf. Mt 26, 49.

non sicut stulti uel maligni homines propter adipiscenda uana uel scelera perpetranda, sed, sicut a domino definitum est, *propter iustitiam*. utroque modo sancti martyres certauerunt – nam et impiorum opprobriis saturati sunt, ubi animus corpore intacto quasdam ueluti plagas suas integer sustinet, et in corporibus uincti sunt, inclusi sunt, fame ac siti affecti sunt, torti sunt, secti sunt, dilaniati sunt, incensi sunt, trucidati sunt – et pietate immobili subdiderunt deo mentem, cum paterentur in carne quidquid exquirenti crudelitati uenit in mentem.

9. Maius sane patientiae certamen est, quando non uisibilis inimicus persequendo atque saeuendo urget in nefas, qui palam et aperte a non consentiente uincatur, sed ipse diabolus, qui etiam per filios infidelitatis tamquam per sua uasa filios lucis insequitur, per se ipsum occulte occultus oppugnat, saeuendo instans ut contra deum fiat aliquid uel dicatur.

do seu corpo; não como os homens estultos ou malignos [que suportam] em vista de alcançar vaidades ou perpetrar crimes, mas assim como a definiu o Senhor, *por causa da justiça*¹⁴. Os santos mártires combateram com ambas espécies [de paciência]. Com efeito, foram saturados de opróbrios dos ímpios e nisso o corpo permaneceu intacto [enquanto que,] a alma, suportou como que feridas; e em seus corpos foram amarrados, encarcerados, afligidos por fome e sede, foram torturados, seccionados, dilacerados, foram queimados e trucidados: e em sua piedade inabalável submeteram sua mente a Deus, quando sofreram em sua carne tudo aquilo que veio à mente de uma crueldade perseguidora.

9. Certamente é maior o combate da paciência quando não é um inimigo visível, perseguindo e, o que é mais, com ferocidade pressionando ao pecado, que é publicamente e abertamente vencido por aquele que se nega a consentir, mas o próprio diabo, o qual também persegue os filhos da luz através dos filhos da infidelidade como canais próprios, por si mesmo ataca ocultamente com ferocidade impelindo para que se diga ou se faça algo contra Deus.

¹⁴ Mt 5, 10.

XI. Talem illum Iob sanctus expertus est, utraque tentatione uexatus, sed in utraque stabilis patientiae robore et armis pietatis inuictus. nam prius inlaeso corpore cuncta quae habebat amisit, ut animus ante suae carnis cruciatum subtractis rebus quas magni pendere homines solent, frangeretur, et aduersus deum loqueretur aliquid his amissis, propter quae illud colere putabatur, percussus est etiam omnium subita orbitate filiorum, ut quos singillatim susceperat, simul perderet, tamquam eorum numerositas non unde felicitas ornaretur exstiterit, sed unde calamitas augetur. ubi autem ista perpeusus in deo suo mansit immobilis, eius adfixus est uoluntati, quem non posset amittere nisi propria uoluntate; et pro iis quae perdidit eum qui abstulit tenuit, in quo inueniret quod nunquam periret. neque enim ille abstulerat, qui nocendi habuit uoluntatem, sed ille, qui dederat potestatem.

XI. A esse experimentou-o o santo Jó atormentado com ambas as tentações, mas numa e noutra não foi vencido devido à força da paciência constante e às armas da piedade. Pois, primeiro perdeu quanto tinha, enquanto que o corpo permaneceu ileso; para que alma fosse quebrantada antes de sua carne ser atormentada ao serem-lhe tiradas as coisas que os homens costumam estimar; e para que falasse alguma coisa contra Deus ao perder aquelas coisas pelas quais [o diabo] pensava que Jó servisse a Deus, também foi afligido com súbito desaparecimento de todos os seus filhos, e de tal maneira que, aqueles que recebera um a um, os perdesse juntamente; e como se [o fato de] ser muitos fosse, não para ornar a felicidade, senão que para que aumentasse a calamidade. No momento em que sofreu isso, permaneceu firme em seu Deus, aderiu à vontade do mesmo, o qual [ele] não podia perder a não ser por sua própria vontade; e em lugar daquelas coisas que perdeu, reteve aquele que delas o privou no qual encontraria aquilo que nunca morreria. Pois, quem lhe tirara os bens não foi aquele que tinha a vontade de fazer-lhe o mal, mas quem lhe dera o poder [para fazer isso].

XII. Aggressus est inimicus et corpus nec ea, quae homini extrinsecus inerant, sed ipsum iam hominem in qua potuit parte percussit. a capite usque ad pedes ardebant dolores, scatebant uermes, sanies defluebat: manebat in putri corpore animus integer, horrendosque cruciatus carnis contabescentis inuiolata pietate et incorrupta patientia perferebat. aderat uxor nec ferebat opem aliquam uiro, sed in deum blasphemiam suggerebat. non enim eam diabolus, cum etiam filios abstulisset, tamquam nocendi imperitus reliquerat, qui quantum esset necessaria temptatori iam in Eua didicerat. sed modo alterum Adam, quem per mulierem caperet, non inuenerat. cautior fuit iste in doloribus, quam ille in nemoribus: ille uictus est in deliciis, iste uicit in poenis; consensit ille oblectamentis, non cessit iste tormentis. aderant et amici, non ut in malis consolarentur, sed ut mala suspicarentur. neque enim eum, qui tanta patiebatur, innocentem esse credebant, nec tacebat eorum lingua quod illius conscientia non habebat; ut inter inmanes cruciatus corporis, etiam falsis animus caederetur obprobriis. at ille sustinens in carne dolores suos, in

XII. [Depois] o inimigo agrediu o seu corpo, não naquelas coisas que são extrinsecamente inerentes ao homem, mas atacou já o próprio homem naquela parte onde pode. Da cabeça aos pés ardiam as dores, os vermes pululavam, corria o pus; [no entanto,] mantinha íntegra a alma em um corpo pútrido e suportava com uma inviolável piedade e uma incorrupta paciência o horrendo tormento da carne que definhava. Aproximara-se a esposa, mas não levava algum auxílio a seu marido, antes sugeria blasfemar a Deus. Com efeito, o diabo, quando lhe tirou os filhos, não a tirou também, como teria feito um ignorante ao causar o mal, ele que já com Eva havia aprendido o quanto era necessária para um tentador¹⁵. Mas, desta vez não encontrou outro Adão para seduzir por meio da mulher. Este [Jó], foi mais cauteloso, entre as dores, que aquele [Adão] entre os nemores¹⁶, aquele foi vencido entre as delícias, este foi vencedor entre os sofrimentos; aquele consentiu nos prazeres, este não cedeu aos tormentos. Estavam ao redor de si os amigos, não para o consolar em seus males, mas antes para declará-lo mau. Pois não acreditavam que ele, que tanto padecia, pudesse ser

¹⁵ Cf. Gn 3, 1 ss.

¹⁶ Bosques. Optou-se por traduzir o plural latino *nemoribus* em *nemores*, não obstante o desuso da palavra. Desta forma salvou-se a rima empregue por S. Agostinho que perder-se-ia se o vocábulo fosse traduzido por *bosques*.

corde errores alienos coniugis corripiebat insipientiam, amicos docebat sapientiam, seruabat ubique patientiam.

XIII.10. Hunc intueantur, qui sibi ingerunt mortem, quando quaeruntur ad uitam; et sibi auferendo praesentem abnegant et futuram. qui si ad Christum negandum uel aliquid contra iustitiam faciendum, sicut ueri martyres, cogentur, omnia potius patienter ferre quam sibi impatienter mortem inferre debuerunt. quod si fugiendorum malorum causa recte fieri posset, Iob sanctus se ipse perimeret, ut tanta mala in rebus suis, in filiis suis, in membris suis, diabolicae crudelitatis effugeret. non autem fecit. absit enim, ut in se committeret ipse uir sapiens, quod nec mulier suggessit insipiens. quia et si suggessisset, merito et hic illud audisset, quod audiuit suggerendo blasphemiam: *locuta es tamquam una ex insipientibus mulieribus. si bona percepimus de manu domini, mala non sustineamus?* Et ipsam quippe patientiam perdidisset, siue

inocente, e não calava sua língua [que o denunciava sobre] aquilo que não havia em sua consciência; de modo que entre os cruéis tormentos do corpo, a alma era abatida por falsos opróbrios. Porém, ele sustentou em sua carne as suas próprias dores, e em seu coração os erros alheios, à esposa corrigiu a insipiência, aos amigos ensinou a sapiência, e em toda parte conservou a paciência.

XIII.10. Anotem este [exemplo] os que a si mesmos inculcam a morte, quando são chamados à vida e que, quando destroem [essa mesma vida], renunciam a futura. Se fossem obrigados, como autênticos mártires, a renegar a Cristo ou a executar alguma coisa contra a justiça, deveriam antes suportar tudo isso com paciência do que com impaciência suicidar-se. Mas se se pudesse admitir o suicídio para fugir dos males, o santo Jó haver-se-ia se suicidado para fugir de tantos males da diabólica crueldade [que se infligiu] nos seus bens, nos seus filhos, em seus membros. No entanto, não o fez. Longe, portanto [de nós] pensar que [ele] podia cometer em si mesmo, um varão sábio, aquilo que nem mesmo sugeriu [sua] insipiente mulher. Se houvesse sugerido, teria tido que escutar aquilo que escutou quando sugeriu a blasfêmia: *Falaste como uma das mulheres insipientes. Se recebemos*

blasphemando, sicut illa uoluerat, siue se interficiendo, quod nec illa ausa fuerat dicere, moreretur atque esset inter illos de quibus dictum est: *uae iis qui perdiderunt patientiam.* et augetur potius quam euaderet poenas, qui post sui corporis mortem, siue ad blasphemorum siue ad homicidarum uel etiam plus quam parricidarum supplicia raperetur. si enim parricida eo sceleratior est quam quilibet homicida, quia non tantum hominem, uerum etiam propinquum necat, inque ipsis parricidis, quanto propinquiorem quisque peremerit, tanto iudicatur inmanior: sine dubio peior est, qui se occidit, quia nemo est homini se ipso propinquior. quid ergo iseri faciunt, qui cum et hic sibimet ingestas et postea non solum impietatis aduersus deum, sed etiam ipsius quam in se exercuerunt crudelitatis luant debitas poenas, insuper quaerunt et martyrum glorias? cum etiamsi pro uero Christi testimonio persecutionem paterentur et se interficerent, ne aliquid a persecutoribus paterentur, recte illis diceretur: *uae iis qui perdiderunt patientiam!* quomodo enim iustum praemium patientiae redditur, si et inpatiens passio coronatur? aut quomodo innocens iudicabitur, cui dictum est: *diliges*

*os bens das mãos do Senhor, não havemos de aceitar os males*¹⁷? Houvesse perdido a sua paciência, seja blasfemando, como ela sugeria, seja suicidando-se, como ela nem sequer se atreveu a sugerir, teria morrido e estaria entre aqueles de quem se disse: *Ai daqueles que perderam a sua paciência*¹⁸. Em lugar de evitar a pena, tê-la-ia aumentado aquele que após a morte do seu corpo houvesse incorrido nos suplícios quer dos blasfemos, quer dos homicidas ou daqueles que são mais do que parricidas. Se um parricida é mais criminoso que um homicida, já que não mata apenas a um homem, mas a um parente e entre os parricidas, tanto um é mais criminoso quanto mais próximo é aquele a quem mata, sem dúvida é pior aquele que se mata, porque ninguém é mais próximo do homem do que ele próprio. Que fazem, portanto, eles miseráveis os quais quando sofrem as penas a si mesmo infligidas aqui e depois recebem os castigos devidos não só à impiedade contra Deus mas também da própria crueldade a qual exerceram em si mesmos, e procuram ainda, além disso, a glória dos mártires? Ainda que sofressem perseguição pelo verdadeiro testemunho de Cristo e se suicidassem para não sofrerem

¹⁷ Jô 2, 10.

¹⁸ Eclo 2, 14.

proximum tuum tamquam te ipsum, si homicidium committit in se ipso, quod committere prohibetur in proximo?

XIII.11. Audiant ergo sancti de scripturis sanctis praecepta patientiae: *fili, accedens ad seruitutem dei sta in iustitia et timore, et praepara animam tuam ad temptationem: deprime cor tuum et sustine; ut crescat in nouissimis tua uita. omne quod tibi superuenerit accipe et in dolore sustine et in humilitate tua patientiam habe, quoniam in igne probatur aurum et argentum, homines uero acceptabiles in camino humiliationis. et in loco alio legitur: fili, ne deficias in disciplina domini neque fatigeris cum ab illo increparis; quem enim diligit dominus, corripit, flagellat autem omnem filium quem recipit. quod hic positum est “filium quem recipit”, hoc in supra dicto testimonio est, homines*

alguma coisa dos perseguidores, com razão se lhes diria: *Ai daqueles que perderam a sua paciência*¹⁹! Como se pode dar um prêmio justo à paciência se for coroado o padecimento da impaciência? Como será julgado inocente aquele a quem foi dito: *Amarás ao teu próximo como a ti mesmo*²⁰, se comete contra si mesmo o homicídio, que se proíbe cometer contra o próximo?

XIII. 11. Ouçam, pois, os santos os preceitos de paciência das Escrituras santas: *Filho, ao te aproximares do serviço de Deus, mantém-te em justiça e temor e prepara tua alma para a tentação. Humilha o teu coração e agüenta para que no final cresça a tua vida. Aceita tudo aquilo que te sobrevenha, agüenta a dor e tem paciência na humildade. Porque no fogo se provam o ouro e a prata, mas os homens se fazem aceitáveis no caminho da humilhação*²¹. E em outra passagem se lê: *Filho, não te fatigues na disciplina do Senhor, nem desmaies quando fores repreendido por ele. A quem o Senhor ama ele castiga e flagela a todo o filho a quem recebe*²². Aqui se diz: “filho por ele recebido”

¹⁹ Eclo 2, 14.

²⁰ Mt 19, 19.

²¹ Eclo 2, 1-5.

²² Pr 3, 11-12.

receptibiles. hoc enim iustum est, ut qui de pristina felicitate paradisi propter contumacem deliciarum appetentiam dimissi sumus, per humilem molestiarum patientiam recipiamur, fugaces mala faciendo, reduces mala patiendo; ibi contra iustitiam facientes, hic pro iustitia patientes.

XV.12. Sed uera patientia, quae huius est nomine digna uirtutis, quaerendum est unde sumatur. sunt enim, qui eam tribuant uiribus uoluntatis humanae, non quas habent ex diuino adiutorio, sed quas ex libero arbitrio. error autem iste superbus est; eorum est enim qui abundant, de quibus dicitur in psalmo: *obprobrium eis qui abundant et despectio superbis. non ergo est ista patientia pauperum, quae non perit in aeternum. hic enim pauperes ab illo eam diuite accipiunt, cui dicitur: deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges, a quo est omne datum optimum et omne donum perfectum, ad quem clamat egenus et pauper, qui laudat nomen eius, et petendo, quaerendo, pulsando dicit: deus meus, eripe*

como acima se disse: “homens aceitáveis”. Com efeito, é justo que nós, que por uma contumaz apetência de delícias fomos expulsos da pristina felicidade do paraíso, sejamos aceitos novamente pela paciência nas moléstias. Tendo sido fugazes ao fazer o mal, regressados sejamos padecendo o mal, ali contra a justiça atuantes, aqui pela justiça padecentes.

XV.12. Mas, deve-se buscar qual a origem da paciência verdadeira, digna do nome de virtude. Há aqueles que a atribuem às forças da vontade humana, não às que recebem da ajuda divina, mas às que têm por seu livre-arbítrio. Este erro, porém, é soberbo; é o erro dos que vivem na abundância, aos quais se refere o Salmo: *Opróbrío para os que abundam e humilhação para os soberbos*²³. Não é esta a *paciência dos pobres que não perece eternamente*²⁴. Estes pobres recebem a paciência d’Aquele rico ao qual dizemos: *Tu és o meu Deus porque dos meus bens não necessitas*²⁵. Dele procede todo dom ótimo e toda dádiva perfeita²⁶. A ele clama o miserável e pobre que louva o seu nome e diz pedindo, chamando e

²³ SI 122, 4.

²⁴ Cf. SI 9, 19.

²⁵ SI 15, 2.

²⁶ Cf Tg 1, 17.

me de manu peccatoris, et de manu legem praetereuntis et iniqui, quoniam tu es patientia mea, domine, spes mea a iuuentute mea. isti autem, qui abundant et egere ad dominum dedignantur, ne ab illo accipiant ueram patientiam, de sua falsa gloriantes consilium inopis uolunt confundere, quoniam dominus spes eius est, nec attendunt, cum homines sunt et suae, id est, humanae uoluntati tantum tribuunt, in illud se incurrere quod scriptum est: *maledictus omnis qui spem suam ponit in homine.* unde etiamsi eis contingat ut aliqua dura et aspera, uel ne displiceant hominibus uel ne grauiora patiantur uel sibi placendo et amando praesumptionem suam eadem ipsa superbissima uoluntate sustineant, hoc illis dicendum est de patientia, quod de sapientia beatus Iacobus apostolus dicit: *non est ista sapientia desursum descendens, sed terrena, animalis, diabolica.* cur enim non sit superborum falsa patientia, sicut superborum est falsa sapientia? a quo est autem uera sapientia, ab illo est et uera patientia. huic enim cantat ille spiritu pauper: *deo subiecta est anima mea, quoniam ab ipso est patientia mea.*

buscando: *Deus meu, livra-me da mão do pecador, da mão do transgressor da Lei e do iníquo. Porque tu és minha paciência, Senhor, minha esperança desde minha juventude*²⁷. Os que têm abundância e se envergonham de mendigar a Deus para não receber dele a paciência verdadeira, se gloriaram de sua falsa [paciência] e querem confundir o conselho do pobre, porque o Senhor é a sua esperança²⁸ e, visto que são homens e que dão excessivas atribuições à sua vontade, isto é, humana, não reparam que incorrem no que está escrito: *Maldito todo aquele que põe a sua esperança no homem*²⁹. Por isso, ainda que tolerem com essa vontade sumamente orgulhosa algumas coisas duras e ásperas, seja para não desagradar aos homens, seja para não tolerar outras piores, e, enfim, por pura complacência própria ou por amor à sua presunção, deve dizer-se-lhes de sua paciência aquilo que o bem-aventurado apóstolo Tiago disse acerca da sapiência: *Esta sapiência não desce de cima, mas é terrena, animal e diabólica*³⁰. Com efeito, por que não há de ser falsa a paciência dos orgulhosos assim como é falsa sua sapiência? Aquele

²⁷ SI 70, 4-5.

²⁸ SI 13, 6.

²⁹ Jr 17, 5.

³⁰ Tg 3, 15.

XVI.13. Sed respondent et loquuntur dicentes: sicut uoluntas hominis sine ullo dei adiutorio uiribus liberi arbitrii tam multa graui et horrenda perfert, siue in animo siue in corpore, ut mortalis uitae huius et peccatorum delectatione perfruatur, cur non eodem modo eadem ipsa uoluntas hominis eisdem uiribus liberi arbitrii non ad hoc exspectans se diuinitus adiuuari, sed sibi naturali possibilitate sufficiens quidquid laboris uel doloris ingeritur, pro iustitia et uita aeterna patientissime sustinet? an uero, inquit, idonea est iniquorum uoluntas deo non adiuuante ut se ipsi in cruciatibus pro iniquitate et, antequam ab aliis crucientur, exercent; idonea est uoluntas moras uitae huius mantium, ut deo non adiuuante inter atrocissima et longa tormenta in mendacio perseuerent, ne sua facinora confitentes, iubeantur occidi, et non est idonea iustorum uoluntas, nisi eis uires desuper suggerantur, quaslibet poenas uel ipsius decore iustitiae uel aeternae uitae amore perferre?

de quem vem a verdadeira sapiência é o mesmo que dá a verdadeira paciência. A este, de fato, canta aquele pobre em espírito: *A Deus se encontra submissa minha alma, porque dele procede a minha paciência*³¹.

XVI.13. Mas, respondem e falam dizendo: Assim como, somente com as forças do livre arbítrio, sem nenhuma ajuda de Deus, a vontade do homem executa tantas coisas graves e horrendas, seja na alma, seja no corpo, para desfrutar desta vida mortal e do deleite dos pecados, por que [então] essa vontade – com as próprias forças do livre arbítrio – e sem esperar o auxílio divino, não se bastará a si mesma com suas possibilidades naturais para suportar com perfeita paciência, pela justiça e pela vida eterna, quantos trabalhos e dores se ofereçam? Ou então, dizem, a vontade dos iníquos é idônea sem a ajuda de Deus de tal maneira que se exercitam pela iniquidade dos tormentos antes de serem atormentados por outros; é idônea a vontade dos que amam a morosidade desta vida de tal maneira que perseveram sem a ajuda de Deus na mentira, entre os atrocíssimos e longos tormentos para que não sejam condenados à morte ao confessarem os seus crimes e não será a vontade dos

³¹ SI 61, 6.

XVII.14. Qui haec dicunt, non intellegunt et quemque iniquorum tanto esse ad quaecumque mala perferenda duriorem, quanto in eo maior est cupiditas mundi, et quemque iustorum tanto esse ad quaecumque mala perferenda fortiolem, quanto in eo est maior caritas dei. sed cupiditas mundi initium habet ex arbitrio uoluntatis, progressum ex iucunditate uoluptatis, firmamentum ex uinculo consuetudinis: *caritas autem dei diffusa est in cordibus nostris*, non utique ex nobis, sed per spiritum sanctum qui datus est nobis. proinde ab illo est patientia iustorum, per quem diffunditur caritas eorum. quam caritatem laudans atque commendans apostolus inter cetera eius bona dixit eam et cuncta sufferre. *caritas*, inquit, *magnanima est*, et paulo post ait: *omnia tolerat*. quanto ergo maior est in sanctis caritas dei, tanto magis pro eo quod diligitur, et quanto maior est in peccatoribus cupiditas mundi, tanto magis pro eo quod concupiscitur, omnia tolerantur. ac per hoc inde est patientia uera

justos idônea para tolerar quaisquer penas pelo decoro da mesma justiça ou por amor à vida eterna se não os ajudam as forças lá de cima?

XVII.14. Os que assim falam não entendem que cada um dos iníquos é tanto mais duro para suportar quaisquer que sejam os males, quanto maior é nele a cupidez do mundo e não entendem que cada um dos justos é tão forte para suportar quaisquer que sejam os males, quanto maior é nele a caridade de Deus. Mas, a cupidez do mundo tem seu início no arbítrio da vontade, seu crescimento no deleite do prazer e sua confirmação no vínculo do costume: *No entanto, a caridade de Deus foi difundida em nosso coração* – em todo caso não por nós – *mas, pelo Espírito Santo que nos foi dado*³². Pelo que, a paciência dos justos procede daquele que difunde neles a caridade. O Apóstolo, ao louvar e recomendar a caridade, diz dela, entre outros elogios, que ela suporta tudo: *A caridade é magnânima*. E pouco depois diz: *Tudo suporta*³³. Quanto maior é nos santos o amor de Deus, tanto mais se suportam todas as coisas por aquilo que é amado e quanto maior é nos pecadores a cobiça do

³² Rm 5, 5.

³³ 1Cor 13, 4 e 7.

iustorum, unde est in eis caritas dei; et inde est patientia falsa iniquorum, unde est in eis cupiditas mundi. propter quod dicit Iohannes apostolus: *nolite diligere mundum nec ea quae in mundo sunt. si quis dilexerit mundum, dilectio patris non est in ipso, quoniam omne quod est in mundo, concupiscentia carnis est et concupiscentia oculorum et ambitio saeculi: quae non est ex patre, sed ex mundo est.* haec igitur concupiscentia, quae non est ex patre, sed ex mundo, quanto fuerit in homine uehementior et ardentior, tanto fit quisque pro eo, quod concupiscit, omnium molestiarum dolorumque patientior. idcirco, sicut supra diximus, non est ista patientia desursum descendens; patientia uero piorum desursum est descendens a patre luminum. itaque illa terrena est, ista caelestis, illa animalis, ista spiritalis, illa diabolica, ista deifica, quoniam concupiscentia, qua fit, ut peccantes omnia pertinaciter patiantur, ex mundo est; caritas autem, qua fit, ut recte uiuentes omnia fortiter patiantur, ex deo est. et ideo illi falsae patientiae potest sine adiutorio dei uoluntas humana sufficere tanto durior, quanto cupidior, et eo tolerabilius mala sustinens, quo ipsa fit peior; huic autem, quae uera patientia est, ideo

mundo, tanto mais são suportadas todas as coisas por aquilo que ambicionam. E, por isso, a origem da verdadeira paciência dos justos é também a origem da caridade de Deus neles; e a origem da falsa paciência dos iníquos é também a origem da cupidez do mundo que há neles. E assim disse o apóstolo João: *Não ameis o mundo nem as coisas que são do mundo. Se alguém ama o mundo o amor do Pai não está nele; porque tudo aquilo que há no mundo é concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e a ambição do século, a qual não é do Pai, mas do mundo*³⁴. Por conseguinte, quanto mais veemente e ardente for no homem esta concupiscência – que não é do Pai, mas do mundo – tanto mais cada um se torna paciente de todas as dores e moléstias por aquilo que deseja. Esta paciência, como dissemos, não desce do alto, porém, a paciência dos piedosos, desce do alto, descende do Pai das Luzes. Aquela é terrena, esta celeste, aquela animal, esta espiritual, aquela é diabólica, esta é deífica, porque do mundo procede a concupiscência, a qual faz que os pecadores pertinazmente tudo suportem; ao contrário, procede de Deus a caridade, a qual faz que os que

³⁴ 1Jo 2, 15-16.

uoluntas humana, nisi desuper adiuta et inflammata, non sufficit, quia spiritus sanctus est ignis eius, quo nisi accensa diligit impassibile bonum, ferre non potest quod patitur malum.

XVIII.15. Sicut enim diuina testantur eloquia: *deus caritas est, et qui manet in caritate, in deo manet, et deus in illo manet.* quisquis ergo contendit haberi posse dei caritatem sine dei adiutorio, quid aliud contendit nisi haberi deum posse sine deo? quis autem hoc dicat christianus, quod nullus dicere audeat insanus? exsultans ergo apud apostolum uera, pia fidelisque patientia dicit ore sanctorum: *quis nos separabit a caritate Christi? tribulatio? an angustia? an persecutio? an fames? an nuditas? an periculum? an gladius? sicut scriptum est, quia propter te mortificamur tota die, deputati sumus sicut oues uictimae. sed in his omnibus superuincimus per eum qui dilexit*

vivem retamente suportem tudo corajosamente. E, por isso, para essa falsa paciência pode bastar a vontade humana sem a ajuda de Deus; vontade tanto mais dura quanto mais concupiscente, que suportando tanto mais toleravelmente os males; pior ela se torna, a esta, porém, que é a verdadeira paciência, não é suficiente a vontade humana, a não ser que seja ajudada e inflamada do alto, porque o Espírito Santo é o seu fogo; e, a não ser que, acesa, por Aquele, ame o bem impassível, não pode suportar o mal que sofre.

XVIII.15. Com efeito, assim testemunham as divinas escrituras: *Deus é caridade e quem permanece na caridade, em Deus permanece e Deus nele permanece*³⁵. Logo, todo aquele que propugna que a caridade de Deus pode ser tida sem a ajuda de Deus, que outra coisa sustenta senão que se pode ter Deus sem Deus? Porém, quem dirá, sendo cristão aquilo que nenhum insano ousaria dizer? Por conseguinte, de acordo com o Apóstolo, a verdadeira, piedosa e fiel paciência, exultante, diz pela boca dos santos: *Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação? Acaso a angústia? Acaso a fome? A nudez? Porventura o perigo? A espada? Como está escrito, por*

³⁵ 1 Jo 4, 16.

nos: non ergo per nos, sed per eum qui dilexit nos. deinde sequitur et adiungit: certus sum enim, quia neque mors neque uita neque angeli neque principatus neque praesentia neque futura neque altitudo neque profundum neque creatura alia poterit nos separare a caritate dei, quae est in Christo Iesu domino nostro. Haec est illa caritas dei, quae diffunditur in cordibus nostris, non ex nobis, sed per spiritum sanctum qui datus est nobis; malorum autem concupiscentia, propter quam in eis est falsa patientia, non est ex patre, sicut dicit apostolus Iohannes, sed ex mundo est.

XVIII.16. Hic dicet aliquis: si ex mundo est concupiscentia malorum, per quam fit ut mala omnia pro eo quod ab illis concupiscitur perferant, quo modo ex eorum dicitur uoluntate? quasi uero non et ipsi ex mundo sint, cum ab eis diligitur mundus

causa de ti somos mortificados todo o dia e somos reputados [como] ovelhas para o matadouro. Mas, em tudo isso sobrevencemos por aquele que nos amou – não por nós, mas por aquele que nos amou³⁶. Depois continua e acrescenta: Pois, estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o futuro, nem a altura, nem a profundidade, nem criatura alguma poderá nos separar da caridade de Deus, a qual está em Cristo Jesus Senhor nosso³⁷. Esta é aquela caridade de Deus, a qual é difundida em nossos corações – não a partir de nós – mas através do Espírito Santo que nos é dado³⁸. Contudo, a concupiscência dos maus, por causa da qual há neles a falsa paciência, não procede do Pai, segundo disse o apóstolo João, mas procede do mundo³⁹.

XVIII.16. Aqui alguém dirá: Se a concupiscência dos maus, pela qual suportam todos os males por aquelas coisas que são desejadas, procede do mundo, de que forma se diz que procede de sua vontade? Como se os maus não fossem do mundo, quando amam o mundo e

³⁶ Rm 8, 35-39.

³⁷ Rm 8, 35-39.

³⁸ Rm 5, 5.

³⁹ Cf. 1Jo 2, 15-16.

deserto eo, per quem factus est mundus: *seruiunt enim creaturae potius quam creatori, qui est benedictus in saecula*. siue itaque mundi uocabulo Iohannes apostolus dilectores significauerit mundi, uoluntas, quae ex ipsis est, utique ex mundo est: siue mundi nomine caelum et terram et quaecumque in eis sunt, hoc est uniuersam complexus sit creaturam, uoluntas procul dubio creaturae, quae non est creatoris, ex mundo est. propter quod talibus dominus dicit: *uos de deorsum estis, ego de sursum sum; uos de hoc mundo estis, ego non sum de hoc mundo*. apostolis autem dicit: *si de hoc mundo essetis, mundus quod suum est diligeret*. sed ne sibi amplius adrogarent, quam eorum mensura poscebat, et hoc, quod eos non esse dixit ex mundo, naturae putarent esse, non gratiae, *quia uero, inquit, de mundo non estis, sed ego elegi uos de mundo, propterea odit uos mundus*. ergo de mundo erant: nam, ut non essent de mundo, electi sunt de mundo.

XX.17. Hanc autem electionem non praecedentium in bonis operibus meritorum, sed

abandonam Aquele por quem o mundo foi feito: *Servem – pois, mais à criatura que ao criador, que é bendito para sempre*⁴⁰. Se, portanto, o apóstolo João quis dizer com a palavra mundo os amantes do mundo, a vontade que vem dos mesmos sem dúvida é do mundo; ou se com o nome de mundo abrangeu toda a criatura, a vontade da criatura, sem dúvida que não é do criador é do mundo. Pelo que a esses diz o Senhor: *Vós sois de baixo, eu sou de cima: Vós sois do mundo, eu não sou deste mundo*⁴¹. Por outro lado, aos apóstolos disse: *Se fôsseis deste mundo, o mundo amaria o que é seu*⁴². Mas, para que não se arrogassem mais do que a sua medida requeria isto que ele disse de não o serem do mundo [e] julgassem ser da natureza e não da graça, disse: *Porque, na verdade, não sois do mundo, mas eu vos escolhi do mundo e em consequência disto o mundo vos odeia*⁴³. Logo do mundo eram, pois, para que não fossem do mundo, do mundo foram escolhidos.

XX.17. No entanto, o Apóstolo, mostrando esta eleição, não [como] dos méritos precedentes

⁴⁰ Rm 1, 25.

⁴¹ Jo 8, 23.

⁴² Jo 15, 19.

⁴³ Jo 15, 19.

electionem gratiae demonstrans apostolus sic inquit: *et in hoc tempore reliquiae per electionem gratiae saluae factae sunt; si autem gratia, iam non ex operibus; alioquin gratia iam non est gratia.* haec est electio gratiae, id est electio, qua per dei gratiam homines eliguntur, haec est, inquam, electio gratiae, qua omnia bona merita praeueniuntur humana. si enim ullis bonis meritis datur, iam non gratis donatur, sed debita redditur, ac per hoc non uero nomine gratia nuncupatur, ubi *merces*, sicut idem dicit apostolus, *non imputatur secundum gratiam, sed secundum debitum.* si autem, ut uera sit gratia, id est gratuita, nihil inuenit in homine, cui merito debeatur – quod bene intellegitur et in eo, quod dictum est: *pro nihilo saluos facies eos* – profecto ipsa dat merita, non meritis datur. praeuenit ergo etiam fidem, ex qua omnia bona opera incipiunt; *iustus enim*, sicut scriptum est, *ex fide uiuit.* porro autem gratia non solum adiuuat iustum, uerum etiam iustificat inpium. et ideo etiam cum adiuuat iustum et uidetur eius meritis reddi, nec sic desinit esse gratia, quoniam id adiuuat, quod ipsa est largita. propter hanc itaque gratiam, quae cuncta bona merita

nas boas obras, mas [como] eleição da graça, assim diz: *E neste tempo, foram salvos os remanescetes pela eleição da graça. Se, portanto, por graça, já não [é] pelas obras; de outra forma a graça já não mais seria graça*⁴⁴. Tal é a eleição da graça, isto é, a eleição pela qual são eleitos os homens por graça de Deus, tal é, digo, a eleição da graça pela qual todos os bons méritos humanos são precedidos. Se, portanto, é dada por algum mérito bom, já não é dada gratuitamente, mas solvida por justiça e, por isso, não deve ser chamada pelo nome de graça, porque, então; como diz o mesmo Apóstolo: *não é imputada segundo a graça, mas segundo o débito*⁴⁵. Se, contudo, para ser verdadeira graça, isto é, gratuita, nada encontra no homem ao qual seja devida merecidamente, o que bem se compreende também naquilo que foi dito: *Por nada háis-de fazê-los salvos*⁴⁶: sem dúvida, a própria dá os méritos, não é dada pelos méritos. Antecede, portanto, também a fé, a partir da qual, principiam todas as boas obras. Como está escrito, *o justo vive da fé*⁴⁷. Além disso, no entanto, a graça não só ajuda o justo, mas ainda em verdade justifica o ímpio.

⁴⁴ Rm 11, 5-6.

⁴⁵ Cf. Rm 4, 4.

⁴⁶ Sl 55, 8.

⁴⁷ Hab 2, 4. (e também Rm 1, 17 e Gal 3, 11).

humana praecedit, non solum Christus ab impiis occisus est, uerum etiam *pro impiis mortuus est*. et antequam moreretur, non utique iustos, sed iustificandos elegit apostolos, quibus ait: *ego uos de mundo elegi*. quibus enim dixit: *de mundo non estis*, et, ne putarent se nunquam fuisse de mundo, mox addidit: *sed ego uos de mundo elegi*, profecto, ut de mundo non essent, ipsius in eos electione conlatum est. quocirca si per suam iustitiam, non per gratiam eius eligerentur, non de mundo electi essent, quoniam de mundo iam non essent, si iam iusti essent. deinde si propterea sunt electi, quia iam iusti erant; ipsi priores iam dominum elegerant. quis enim potest esse iustus, nisi eligendo iustitiam? *finis autem legis Christus, ad iustitiam omni credenti. qui factus est nobis sapientia a deo et iustitia et sanctificatio et redemptio, ut, quemadmodum scriptum est, qui gloriatur in domino gloriatur. ipse est ergo nostra iustitia.*

E, por isso, ainda quando ajuda o justo, e parece que é devida a seus méritos, nem assim deixa de ser graça, porque ajuda aquilo que a mesma deu generosamente. Portanto, por causa desta graça, que precede todos os bons méritos humanos, Cristo não só foi morto por ímpios, mas também, na verdade, morreu pelos ímpios⁴⁸. E, antes de morrer, elegeram não propriamente justos, mas os apóstolos que deviam ser justificados aos quais afirmou: *Eu vos escolhi do mundo*⁴⁹. Com efeito, àqueles a quem disse: *Não sois do mundo*, e, para que não pensassem que nunca tinham sido do mundo, logo acrescentou: *mas eu vos escolhi do mundo*, sem dúvida, foi-lhes dado que não fossem do mundo pela eleição que Ele próprio fez deles. Pelo que, se fossem escolhidos por sua justiça e não pela graça, não seriam escolhidos do mundo: porque do mundo já não mais seriam se já fossem justos. Além disso, se por esta causa foram escolhidos, porque já eram justos, os mesmos anteriormente tinham escolhido o Senhor. Quem, de fato, pode ser justo a não ser que escolha a justiça? *Mas o fim da Lei é Cristo, para a justiça de todo aquele que crê*⁵⁰. O qual, da parte de Deus foi

⁴⁸ Cf. Rm 5, 6.

⁴⁹ Jo 15, 19.

⁵⁰ Rm 10, 4.

XXI. 18. Unde et antiqui iusti ante incarnationem Verbi in hac fide Christi et in hac uera iustitia, quod est nobis Christus, iustificati sunt. hoc credentes futurum quod nos credimus factum: *et ipsi gratia salui facti per fidem non ex semet ipsis, sed dei dono, non ex operibus, ne forte extollerentur.* bona quippe opera eorum non praeuenerunt dei misericordiam, sed subsecuta sunt. ipsi quippe audierunt, ipsi scripserunt longe antequam Christus uenisset in carne: *miserebor, cui misertus ero, et misericordiam praestabo, cui misericors fuero.* ex quibus dei uerbis tanto post apostolus Paulus diceret: *igitur non uolentis neque currentis, sed miserentis est dei.* ipsorum etiam uox est longe antequam Christus uenisset in carne: *deus meus, misericordia eius praeueniet me.* quomodo autem possent alieni esse a fide Christi, quorum caritate etiam nobis praenuntiatus est Christus, sine cuius fide quisquam mortalium nec fuit nec est nec esse

feito para nós sabedoria e justiça, e santificação e redenção: para que, como está escrito, *quem se gloria, glorie-se no Senhor*⁵¹. Portanto, Ele mesmo é a nossa justiça.

XXI. 18. Eis porque, antes da encarnação do Verbo os antigos justos foram justificados nesta verdadeira justiça que para nós é Cristo; [eles] acreditavam [como] futuro isto que nós cremos feito: e os mesmos foram feitos salvos pela graça da fé, não a partir de si mesmos, mas por dom de Deus; não a partir das obras, para que não se orgulhassem⁵². Com efeito, suas boas obras não antecederam à misericórdia de Deus, mas foram-lhe subsequentes. Porquanto os mesmos ouviram, os mesmos escreveram muito antes que Cristo viesse na carne: *Tenho misericórdia a quem terei misericórdia e terei misericórdia a quem terei sido misericordioso*⁵³. Destas palavras de Deus, diria tanto [tempo] depois o apóstolo Paulo: *Portanto, [a escolha] não depende daquele que quer nem daquele que corre, mas da misericórdia de Deus*⁵⁴. Também a voz dos mesmos se encontra antes que Cristo viesse na carne: *Deus meu, tua misericórdia há de anteceder-me*⁵⁵. No entanto,

⁵¹ 1Cor 1, 30-31 (e também Jr 9, 23)

⁵² Cf. Ef 2, 8-9.

⁵³ Ex. 33, 19 ; Rm 9, 15.

⁵⁴ Rm 9, 16.

⁵⁵ Sl 58, 11.

aliquando poterit iustus? si ergo iam iusti a Christo eligerentur apostoli, prius illum ipsi elegissent, ut iusti eligi possent, quia sine illo iusti esse non possent. sed non ita factum est; ipse quippe illis ait: *non uos me elegistis, sed ego uos elegi*. unde dicit apostolus Iohannes: *non quod dilexerimus deum, sed quia ipse prior dilexit nos*.

XXII.19. Quod cum ita sit, quid est homo utens in hac uita propria uoluntate, antequam eligat et diligat deum, nisi iniustus et impius? quid est, inquam, homo aberrans a creatore creatura, nisi creator eius memor sit eius et eligat eum gratis et diligat gratis? quia ipse non potest eligere uel diligere, nisi prius electus dilectusque curetur, qui caecitate eligenda non cernit et languore diligenda fastidit. sed forte quis dicat: quomodo deus prius eligit et diligit iniquos, ut iustificet eos, cum scriptum sit: *odisti, domine,*

de que forma poderiam ser alheios à fé em Cristo aqueles por cuja caridade Cristo foi predito também a nós, sem a fé no qual mortal algum foi, nem há, nem haverá alguma vez que possa ser justo? Se, portanto, Cristo escolheu os apóstolos justos, os mesmos já anteriormente o teriam escolhido para que pudessem ser eleitos como justos; porque, sem ele, eles não poderiam ser justos. Mas, não foi feito assim: porquanto ele mesmo falou a eles, *Não me escolheste, mas fui eu que vos escolhi*⁵⁶. Eis porque disse o apóstolo João, *Não é que nós tenhamos amado a Deus, mas que ele nos amou primeiro*⁵⁷.

XXII.19. Sendo assim, o que é o homem que usa a própria vontade senão um injusto e um ímpio nesta vida antes que escolha e ame a Deus? O que é, digo, esse homem, criatura desviada de seu Criador, a não ser que o seu Criador se lembre dela⁵⁸ e gratuitamente a escolha e a ame gratuitamente? Porque o mesmo [homem] não pode escolher ou amar a não ser que anteriormente tenha sido escolhido e amado para ser curado, porque por sua cegueira ele não discerne as coisas que deve escolher e [por sua] indolência tem

⁵⁶ Cf. Jo 15, 19.

⁵⁷ 1Jo 4, 10.

⁵⁸ Cf. Sl 8, 5.

omnes, qui operantur iniquitatem? quomodo putamus nisi miro et ineffabili modo? et tamen etiam non possumus cogitare, quod medicus bonus aegrotum et odit et diligit? odit enim, quia aegrotat, qui diligit, ut aegritudinem pellat.

XXIII.20. Haec propter caritatem dicta sint, sine qua in nobis non potest esse uera patientia, quoniam in bonis caritas dei est, quae tolerat omnia, sicut in malis mundi cupiditas. sed haec caritas *per spiritum sanctum est in nobis, qui datus est nobis*. unde a quo nobis est caritas, ab illo est patientia. mundi autem cupiditas, quando patienter sustinet onera cuiuslibet calamitatis, gloriatur de uiribus propriae uoluntatis, tamquam de stupore morbi, non de robore sanitatis. insana est ista gloriatio; non est patientiae, sed dementiae. Uoluntas ista tanto uidetur patientior acerborum malorum, quanto est audior temporalium bonorum, quia inanior aeternorum.

repugnância pelas coisas que devem ser amadas. Mas, talvez alguém diga: De que modo Deus anteriormente escolhe e ama os iníquos para justificá-los, quando está escrito: *Odiais, ó Senhor, a todos os que praticam a iniquidade*⁵⁹? Como julgamos [esta afirmação] a não ser de uma maneira admirável e inefável? E, todavia, também podemos pensar que o bom médico odeia e ama o doente: de fato, odeia-o porque é doente, ama-o para lhe expulsar a doença.

XXIII.20. Sejam ditas estas coisas por causa da caridade, sem a qual em nós não pode haver a verdadeira paciência: porque nos bons está a caridade de Deus que suporta todas as coisas, assim como nos maus está a cupidez do mundo. Mas esta caridade está em nós *pele Espírito Santo, o qual nos foi dado*⁶⁰. Aquele do qual nos vem a caridade, do mesmo [nos vem] a paciência. No entanto, a cupidez do mundo quando suporta pacientemente os ônus de quaisquer calamidades, se gloria das forças de sua própria vontade tanto como [se gloria] da insensibilidade da doença e não do vigor da saúde. Este gloriar-se é doentio, não é da paciência, mas da demência. Esta vontade parece

⁵⁹ Sl 5, 6.

⁶⁰ Cf. Rm 5, 5.

XXIII.21. Quodsi eam exagitat et inflamat fallacibus uis et suasionibus inmundus et diabolicus spiritus et maligna conspiratione sociatus efficit hominis uoluntatem uel errore dementem uel adpetitu cuiuslibet mundanae delectationis ardentem quaecumque uidentur intolerabilia mirabiliter sustinere, non tamen ideo etiam uoluntas mala sine instigatione alterius inmundi spiritus sicut uoluntas bona sine adiutorio sancti spiritus non potest esse. nam esse posse uoluntatem malam etiam sine aliquo spiritu uel seducente uel incitante in ipso diabolo satis ostenditur, qui per nullum alium diabolum propria uoluntate factus diabolus inuenitur. uoluntas itaque mala siue cupiditate rapiatur siue timore reuocetur siue laetitia diffundatur siue tristitia contrahatur atque in his omnibus perturbationibus animi quaecumque sunt aliis uel alio tempore grauiora contemnat et perferat, potest et sine alterius spiritus instinctu se ipsa seducere et defectu a superioribus in inferiora lapsando, quanto iucundius aestimauerit, quod adipisci adpetit, uel amittere metuit uel adeptum gaudet uel amissum dolet, tanto tolerabilius pro eo ferre

tanto mais paciente em suportar os males acerbos, quanto é mais ávida de bens temporais, porque é mais vazia dos [bens] eternos.

XXIII.21. Mas, se o espírito diabólico e imundo incita e inflama com visões e conselhos falsos, e, associado a uma conspiração maligna, faz com que a vontade do homem, ou louca pelo erro, ou ardente pelo desejo de qualquer deleitação [e] mundana, suporte admiravelmente todas as coisas que parecem intoleráveis, não pode entretanto daí concluir-se que, assim como a boa vontade não pode existir sem o auxílio do Espírito Santo, assim também a má vontade não poderia existir sem a instigação de um outro: do espírito maligno. Pois, que se pode dar uma má vontade mesmo que não haja um espírito sedutor ou incitante, demonstra-se no próprio diabo, satisfatoriamente, porque o diabo tornou-se diabo por sua própria vontade e não pela de um outro diabo. Assim, por exemplo, a má vontade quer seja arrebatada pela cupidez, quer seja desviada pelo temor, quer seja esparsa pela alegria, quer seja reprimida pela tristeza e em todas essas perturbações da alma [a má vontade] despreze e suporte todas aquelas coisas que são mais graves para outros e em outros momentos pode a si mesma desviar sem a instigação de outro espírito, caindo

quod sibi minus est ad patiendum quam illud ad fruendum. quidquid enim illud est, ex creatura est, cuius nota uoluntas est. quodam modo enim familiari contactu atque connexu ad experiendam eius suauitatem adiacet amanti creaturae amata creatura.

XXV.22. Voluptas autem creatoris, de qua scriptum est: *et torrente uoluptatis tuae potabis eos*, longe alterius generis est; neque enim, sicut nos, creatura est. nisi ergo amor eius detur inde nobis, non est, unde esse possit in nobis. ac per hoc uoluntas bona, qua diligitur deus, in homine non potest esse, *nisi in quo deus operatur et uelle*. haec igitur uoluntas bona, id est, uoluntas deo fideliter subdita, uoluntas sanctitate superni ardoris accensa, uoluntas, quae diligit deum et proximum propter deum, siue amore, de quo respondet apostolus Petrus: *domine, tu scis quia amo*

nas coisas inferiores por falta das coisas superiores e, quanto mais alegremente estima aquilo que pretende alcançar, ou que teme perder, ou do que goza uma vez adquirido ou que lamenta ter perdido, tanto mais toleravelmente [pode] suportar isso que é menos para ser suportado do que aquilo para ser fruído. Com efeito, o que quer que aquelas coisas sejam, provêm da criatura, cuja vontade é-nos conhecida. Pois, de um certo modo, a criatura amada aproxima-se da criatura amante por um contato e uma conexão íntima para experimentar a suavidade daquela.

XXV.22. Contudo, a volúpia do Criador, da qual está escrito: *E nas torrentes de tuas volúpias lhes dais de beber*⁶¹, é de um gênero muito diferente; porque nem sequer é criatura como nós. Portanto, a não ser que o amor d’Ele seja daí dado a nós, não há de onde possa existir em nós a não ser naquele em que Deus opera até o querer⁶². Portanto, esta é a boa vontade, isto é, a vontade submissa e fiel a Deus, a vontade acesa no superno ardor da santidade, a vontade que ama a Deus e o próximo por causa de Deus; seja por causa do amor, do qual responde o apóstolo Pedro: *Senhor, tu sabes que eu te amo*⁶³;

⁶¹ SI 35, 9.

⁶² Cf. Fl 2, 13.

⁶³ Jo 21, 15.

te, siue timore, de quo dicit apostolus Paulus: in timore et tremore uestram ipsorum salutem operamini, siue gaudio, de quo dicit: spe gaudentes, in tribulatione patientes, siue tristitia, qualem se dicit magnam habuisse pro fratribus suis, quaecumque amara et aspera sufferat, caritas dei est, quae omnia tolerat, quae non diffunditur in cordibus nostris, nisi per spiritum sanctum, qui datus est nobis.

XXVI. Unde nequaquam dubitante pietate sicut caritas sancte amantium, ita patientia pie tolerantium dei donum est. neque enim scriptura diuina fallit aut fallitur, quae non solum in ueteribus libris habet huius rei testimonia, cum deo dicitur: *patientia mea tu es, et: ab ipso est patientia mea*, et ubi alius propheta dicit accipere nos spiritum fortitudinis, uerum etiam in apostolicis litteris legitur: *quia uobis donatum est pro Christo non solum ut credatis in eum, sed ut etiam patiamini pro eo*. non ergo quasi de proprio faciat animum

seja por causa do temor sobre o qual disse o apóstolo Paulo: *Em temor e tremor trabalhai na vossa própria salvação*⁶⁴; seja por causa da alegria, sobre a qual disse: *Alegres na esperança, pacientes na tribulação*⁶⁵; seja na tristeza, da qual diz que grandemente a teve por seus irmãos⁶⁶: quaisquer coisas desagradáveis e ásperas que sofras, é a caridade de Deus, a qual tudo tolera⁶⁷ e a qual não se difunde em nosso coração, a não ser pelo Espírito Santo que nos foi dado⁶⁸.

XXVI. Donde, não havendo qualquer piedade que duvide, assim como é um dom de Deus a caridade daqueles que amam santamente, assim também o é a paciência dos que piedosamente suportam. E nem pode enganar-se ou nos enganar a Divina Escritura, a qual não só nos antigos livros possui o testemunho destas coisas quando diz a Deus: *Tu és a minha paciência*⁶⁹, e: *Do mesmo procede a minha paciência*⁷⁰; e onde outro profeta diz que recebemos o Espírito de fortaleza; na verdade, mas também nas Cartas apostólicas pode-se ler: *Porque a vós foi dado*

⁶⁴ Fl 2, 12.

⁶⁵ Rm 12, 12.

⁶⁶ Cf. Rm 9, 2.

⁶⁷ Cf. 1Cor 13, 7.

⁶⁸ Cf. Rm 5, 5.

⁶⁹ Sl 70, 5.

⁷⁰ Sl 61, 6.

elatum quod sibi audit esse donatum.

23. Si quis autem non habens caritatem, quae pertinet ad unitatem spiritus et vinculum pacis, quo catholica ecclesia congregata connectitur, in aliquo schismate constitutus, ne Christum neget, patitur tribulationes, angustias, famem, nuditatem, persecutionem, pericula, carceres, vincula, tormenta, gladium uel flammam uel bestias uel ipsam crucem timore gehennarum et ignis aeterni, nullo modo ista culpanda sunt, immo uero et hic laudanda patientia est. non enim dicere poterimus melius ei fuisse, ut Christum negando nihil eorum pateretur, quae passus est confitendo, sed existimandum est fortasse tolerabilius ei futurum iudicium, quam si Christum negando cuncta illa uitaret, ut illud, quod ait apostolus: *si tradidero corpus meum ut ardeam, caritatem autem non habeam, nihil mihi prodest, nihil [mihi] prodesse intellegatur ad regnum caelorum obtinendum, non ad extremi iudicii tolerabilius supplicium subeundum.*

*por Cristo não somente para crer nele, mas assim como também sofrer por causa dele*⁷¹. Portanto, não considere o ânimo como exaltado como se fosse de si aquilo que ouviu ser doado.

23. Se, portanto, alguém que não tem a caridade, a qual pertence à unidade do espírito e ao vínculo da paz, pelo qual é congregada e reunida a Igreja Católica, [e.] estabelecido em algum cisma, para não negar a Cristo sofre tribulações, angústias, fome, perseguição, perigos, prisões, cadeias, tormentos, a espada, o fogo ou as feras, ou a própria cruz pelo temor dos tormentos da geena e do fogo eterno, de modo algum estas coisas devem ser culpadas, muito pelo contrário, na verdade esta paciência é [digna] de ser louvada. Com efeito, nós não podemos dizer que seria melhor a ele negar a Cristo para que não sofresse nenhuma dessas coisas, as quais sofreu confessando-o, mas deve considerar-se que talvez o juízo futuro lhe seja mais suportável do que se negando a Cristo evitasse todas aquelas coisas: de tal maneira que aquilo que disse o Apóstolo: *Se entrego o meu corpo para que arda [nas chamas], mas não tenho a caridade, de nada se me aproveita*⁷², deve-se entender

⁷¹ Fl 1, 29.

⁷² 1Cor 13, 3.

XXVII.24. Sed merito quaeri potest, utrum et ista patientia donum dei sit, an uiribus tribuenda sit uoluntatis humanae, qua quisque ab ecclesia separatus non pro errore, qui eum separauit, sed pro ueritate sacramenti seu uerbi, quae apud eum remansit, timore poenarum aeternarum poenas patitur temporales. cauendum est enim, ne forte, si dei donum istam patientiam dixerimus, hi quibus inest, etiam ad regnum dei pertinere credantur; si autem illam donum dei esse negauerimus, cogamur fateri sine adiutorio et munere dei in uoluntate hominis esse posse aliquid boni. neque enim hoc non est bonum, ut credat homo aeterno supplicio se esse puniendum, si negauerit Christum et pro ista fide quaecumque supplicium perferat et contemnat humanum.

25. Proinde sicut negandum non est etiam hoc esse donum dei, ita intellegendum est alia esse dei dona filiorum illius Hierusalem, quae sursum libera est mater nostra.

que [é proveitoso] para obter o reino dos céus [mas não deve interpretar-se como dizendo que não me] aproveita nada para suportar mais toleravelmente a pena do juízo final.

XXVII.24. Mas, com razão pode-se perguntar se por acaso é esta paciência um dom de Deus ou se se deve atribuí-la às forças da vontade humana, pela qual cada um que [está] separado da Igreja suporta as penas temporais no temor das penas eternas, não por causa dos erros que o apartaram [da Igreja], mas pela verdade do sacramento ou da palavra que permaneceu junto dele. Com efeito, deve-se acautelar que, se por acaso, dissermos que esta paciência é dom de Deus, nem por isso estes que a possuem acreditem que pertencem ao Reino de Deus: se, contudo negarmos que ela seja um dom de Deus, sejamos levados a confessar que possa haver algo de bom na vontade do homem sem o auxílio e o dom de Deus. De fato, não deixa de ser bom que o homem creia que se negar a Cristo será punido com o suplício eterno e que, por causa desta fé suporte e despreze todo e qualquer suplício humano.

25. Por conseguinte, assim como não se deve negar que isto é um dom de Deus, do mesmo modo deve-se entender que são muitos os outros dons de Deus aos filhos

XXVIII. Haec sunt enim quodam modo hereditaria, in quibus sumus *haeredes dei, coheredes autem Christi*; alia uero, quae possunt accipere etiam filii concubinarum, quibus iudaei carnales et schismatici uel haeretici comparantur. quamuis enim scriptum est: *eice ancillam et filium eius; neque enim heres erit filius ancillae cum filio meo Isaac*, et Abrahæ dixit deus: *in Isaac uocabitur tibi semen*, quod sic est apostolus interpretatus, ut diceret: *id est non qui filii carnis, hi filii dei, sed filii promissionis deputantur in semine*, ut intellegeremus semen Abrahæ secundum Isaac propter Christum ad dei filios pertinere, qui sunt corpus Christi et membra, id est, ecclesia dei una, uera, germana, catholica, tenens piam fidem, non eam, quae per elationem uel timorem, sed eam, quae per dilectionem operatur: tamen etiam filios concubinarum quando a filio suo Isaac dimisit Abraham, nonnulla eis largitus est munera, ne relinquerentur omni modo inanes, non ut tenerentur heredes. sic enim legimus: *dedit autem Abraham*

daquela Jerusalém, a qual [lá] no alto é livre [e] é nossa mãe⁷³.

XXVIII. Com efeito, estes [dons] são de certo modo hereditários, nos quais somos *herdeiros de Deus, co-herdeiros, pois de Cristo*⁷⁴; outros [dons], na verdade [são os] que podem receber também os filhos das concubinas, aos quais os judeus carnales e os cismáticos ou hereges podem ser comparados. Ainda que, portanto, foi escrito: *Expulsa a escrava e seu filho para que não seja o filho da escrava herdeiro com o meu filho Isaac*⁷⁵ e a Abraão disse Deus: *Em Isaac será chamada a tua descendência*⁷⁶, o que, de acordo com o Apóstolo, deve ser interpretado como se dissesse: *Isto é, não são os filhos da carne aqueles que são filhos de Deus, mas os filhos da promessa é que serão considerados na descendência*⁷⁷, para que entendêssemos que a descendência de Abraão segundo Isaac pertence aos filhos de Deus por causa de Cristo, os quais são o corpo e os membros de Cristo, isto é, da Igreja de Deus, uma, autêntica, católica, possuidora de uma fé piedosa, não a que age pelo orgulho ou temor, mas aquela que

⁷³ Cf. Gal 4, 26.

⁷⁴ Rm 8, 17.

⁷⁵ Gn 21, 10 e Gl 4, 30.

⁷⁶ Gn 21, 12 e Rm 9, 7.

⁷⁷ Rm 9, 8.

omnem censum suum Isaac filio suo: et filiis concubinarum suarum dedit Abraham munera et dimisit eos ab Isaac filio suo. si ergo filii sumus liberae Hierusalem, alia dona exheredatorum, alia intellegamus haeredum. hi enim heredes sunt, quibus dicitur: non enim accepistis spiritum seruitutis iterum in timorem, sed accepistis spiritum adoptionis filiorum, in quo clamamus: Abba, Pater.

XXVIII.26. Clamemus ergo spiritu caritatis et, donec ueniamus ad hereditatem, in qua semper maneamus, liberali amore simus, non seruili timore patientes; clamemus, quamdiu pauperes sumus, donec illa hereditate ditemur. magna quippe inde pignora accepimus, quod ad nos ditandos pauper factus est Christus, quo in supernas diuitias exaltato missus est, qui sancta

age pelo amor⁷⁸: e, contudo, também quando Abraão separou a seu filho Isaac dos filhos das concubinas, distribuiu a eles alguns bens para não abandoná-los de todo modo vazios, não para tê-los como herdeiros. Como efeito, assim lemos: *Abraão deu a seu filho Isaac todos os seus bens e aos filhos de suas concubinas Abraão deu-lhes presentes e os separou de seu filho Isaac*⁷⁹. Se, portanto, somos filhos da livre Jerusalém, compreendemos que os dons dos deserdados são diferentes dos dons dos herdeiros. Porque é daqueles que são herdeiros que se disse: *Pois, não haveis recebido um espírito de servidão [para viver] novamente no temor; mas recebestes o espírito de adoção de filhos, no qual clamamos: Aba, ó Pai*⁸⁰.

XXVIII.26. Clamemos, pois, no espírito da caridade e, até que cheguemos à herança na qual permaneceremos para sempre, sejamos pacientes com um liberal amor e não com um temor servil. Clamemos enquanto somos pobres até que sejamos enriquecidos com aquela herança. Porquanto, a maior garantia que recebemos disso é que, para nos enriquecer, Cristo se fez pobre, pelo qual, uma vez

⁷⁸ Gl 5, 6.

⁷⁹ Gn 25, 5-6.

⁸⁰ Rm 8, 15 (e também Gl 4, 6.)

desideria nostris cordibus inspiraret spiritus sanctus. horum pauperum adhuc credentium, nondum contemplantium, adhuc sperantium, nondum tenentium, adhuc desiderio suspirantium, nondum felicitate regnantium, adhuc esurientium et sitientium, nondum satiatorum: horum ergo *pauperum patientia non peribit in aeternum*, non quia et illic patientia erit, ubi quod toleretur non erit, sed “non peribit” dictum est, quia infructuosa non erit. fructum autem habebit aeternum, ideo non peribit in aeternum. quisquis enim laborat inaniter, cum eum spes fefellerit, propter quam laborabat, merito dicit: perdidit tantum laborem; quisquis uero ad sui laboris promissa peruenerit, gratulans dicit: non perdidit laborem meum. dicitur ergo labor non perisse, non quia manet perpetuus, sed quia non est inaniter fusus. sic et patientia pauperum Christi, sed ditandorum heredum Christi non peribit in aeternum, non quia et illic patienter ferre iubebimur, sed quia pro iis quae hic patienter pertulimus, aeterna beatitudine perfruemur. non dabit finem sempiternae felicitati, qui donat temporalem patientiam uoluntati, quia utrumque munus donatae donatum est caritati. amen.

exaltado às mais altas riquezas, nos foi enviado aquele Espírito Santo que nos inspirasse em nossos corações os santos desejos. Daqueles pobres que até agora crêem [mas] ainda não contemplam, que até agora esperam [mas] ainda não possuem, [que] até agora suspiram de desejo [mas] ainda não reinam na felicidade, [que] tem fome e sede, [mas] ainda não estão saciados: daqueles [pobres], pois, *A paciência não perecerá eternamente*⁸¹: não, porque haverá paciência lá onde não haverá o que suportar, mas o “não perecerá” é dito porque [ela] não será estéril. Pois terá o fruto eterno, portanto não perecerá eternamente. Todo aquele que trabalha em vão, quando a sua esperança o enganar por causa da qual trabalhava diz com razão: “Perdi tanto trabalho”. Quem quer que seja que chega a alcançar o prometido por seu trabalho, alegrando-se, diz: “Não perdi o meu trabalho”. Se diz, pois, que o trabalho não se perdeu não porque permanece para sempre, mas porque não foi desenvolvido em vão. Assim, a paciência dos pobres de Cristo, mas herdeiros de Cristo que devem [vir a] ser enriquecidos, não perecerá eternamente: não porque lá se nos ordenará suportar pacientemente,

⁸¹ SI 9, 19.

mas porque em face daquelas coisas que pacientemente sofreremos gozaremos da eterna felicidade. Não dará fim à sempiterna felicidade aquele que concede a paciência temporal para a vontade, porque estes dois dons são concedidos à doada caridade. Amém.